



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11805 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

**LER, SONHAR E AMAR: COMPREENDENDO A LEITURA A PARTIR DO DÁLOGO COM LEITORES(AS) DAS CLASSES POPULARES**

Tallita Stumpp Moreira - UCP - Universidade Católica de Petrópolis

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**LER, SONHAR E AMAR: COMPREENDENDO A LEITURA A PARTIR DO DÁLOGO COM LEITORES(AS) DAS CLASSES POPULARES**

“O verbo ler não suporta imperativo. Aversão que partilha com alguns outros: o verbo ‘amar’... o ‘verbo sonhar...’”. (PENNAC, 1993, p. 13)

Leitura e imposição, segundo Pennac (1993), são coisas irreconciliáveis, pois assim como amar e sonhar, o “verbo ler não suporta imperativo”. Assim, amar, sonhar e ler se encontram na aversão à imposição. Mas e quando o objeto lido é produto de um imperativo?

O objeto aqui em questão é a literatura de massa, e seu imperativo se dá através das regras de produção e consumo estabelecidas pelo mercado. Por isso, de um lado, a imagem social dos leitores e das leitoras dessa literatura é constituída, geralmente, a partir do consumo passivo e da reprodução da ideologia dominante embutida no conteúdo e na fórmula dessas histórias. Por outro lado, a constituição dessa imagem se dá, também, em oposição a leitores(as) da literatura dita “cultura”, preconizada pela escola e pela universidade (SODRÉ, 1985).

Enquanto estudante da escola pública, os *best-sellers* estiveram presentes nas viagens que eu fazia entre os livros; formando-me professora, fui descobrindo que essas histórias lidas não eram um bom repertório no curso de Licenciatura em Letras, mas estavam presentes no

repertório dos estudantes com os quais me encontrei nos estágios e de muitos leitores e leitoras que participam de páginas do Facebook voltados para a literatura de massa infanto-juvenil. Mas quem são esses leitores e leitoras? O que fazem de suas leituras?

Este texto tem o objetivo de compartilhar a pesquisa de mestrado que vem sendo realizada com o cotidiano de um grupo de leitoras, formado no WhatsApp a partir de páginas do Facebook direcionadas ao público da literatura infanto-juvenil. Muitas pesquisas de ordem quantitativa buscaram mapear os objetos da cultura de massa consumidos, o comportamento dos grupos consumidores e a lógica de produção empregada por seus autores. Porém, como afirma Candido (1976), se a leitura pressupõe uma relação entre autor(a), obra e leitor(a), a pesquisa que ora se apresenta busca interpretar essa relação tendo o(a) leitor(a) como sujeito, não como objeto.

Os referenciais teóricos e metodológicos que vêm embasando a pesquisa são formados a partir da educação popular e da pesquisa com o cotidiano. Os princípios que sustentam ambos estão em diálogo com a filosofia da educação sistematizada por Paulo Freire (2018) e no estudo e pesquisa com o cotidiano desenvolvido por Regina Leite Garcia (2003).

O educador Paulo Freire (1989) teorizou a leitura de forma que o verbo amar e sonhar também se encontram no próprio ato de ler. Antes de juntar as letras e formar palavras, vamos aprendendo a ler o mundo ao nosso redor, a partir do lugar que ocupamos e das relações que estabelecemos. Por isso, para Freire, a leitura deveria ser a leitura da *palavramundo*, carregada de sentidos que são constituídos na própria vida, no cotidiano. Amar e sonhar se encontram na leitura porque, tendo os sentidos forjados na vida de cada dia, podemos compreendê-la, *ad-mirá-la* e, assim, reescrevê-la, transformá-la, coletivamente.

Neste sentido, o encontro para o diálogo torna-se imprescindível no desenvolvimento da pesquisa. Assim como a educação popular, a pesquisa com o cotidiano, como afirma Regina Leite Garcia (2003), pressupõe assumir um compromisso com o outro e com o mundo, compromisso ético e político que denuncia a violência do silenciamento das vozes dos sujeitos, quando são transformados em objetos, e anuncia o *pesquisar com* como construção coletiva.

Este grupo formado via WhatsApp é compreendido como um *espaçotempo* virtual. Nele, as relações estabelecidas entre os sujeitos da pesquisa são o cotidiano com o qual a pesquisa é feita: um “cotidiano” inventado. Neste sentido, as conversas foram iniciadas com 20 participantes, 19 meninas e 1 menino, com idades entre 13 e 18 anos, de diferentes estados do Brasil.

Em vez de estabelecer um lugar do qual se pressupõe a imagem social de leitores e leitoras da literatura de massa, ou de iniciar a pesquisa tendo como base um(a) leitor(a) ideal, a pesquisa busca um espaço de diálogo com as leitoras que, oriundas das classes populares, encontram-se com a leitura em espaços que não o escolar. Assim, algumas perguntas impulsionam a pesquisa: Para que e como se formam sujeitos leitores(as)? Qual é a

importância dos objetos literários escolhidos para esse processo de formação? É possível uma perspectiva pedagógica que não exclua as experiências de leitura desses sujeitos, sem negligenciar as implicações ideológicas inerentes à literatura de massa?

Se essas histórias lidas se constituem como fruto da lógica capitalista e se encontram impregnadas por sua ideologia, este é um quadro que não acompanha somente a produção literária, mas a própria educação e a constituição da escola, como afirma Brandão (2020). Se, de um lado, o projeto hegemônico de escolarização olha para as diferenças dos sujeitos das classes populares como um problema que precisa ser eliminado, homogeneizando, colonizando o outro e aprofundando desigualdades; de outro, a lógica da mercadoria tem assumido esse projeto entendendo também a educação como reprodução das desigualdades, cabendo à escola ensinar aquilo que é útil para a atuação no mercado de trabalho.

Se a leitura, assim como o amor e o sonho, não suporta imposições, encarar o problema da leitura da literatura de massa pressupondo imposições, sejam elas do mercado, sejam elas da cultura letrada tomada como “cultura”, ainda que com pretensões de emancipação, seria perpetuar mais uma vez essas violências. Por isso este trabalho se encontra apoiado nos princípios da Educação Popular, em sua perspectiva dialógica, pois, segundo Brandão:

"Tanto entre las personas como entre las culturas de los colectivos de personas, existen diferencias cualitativas de saberes y sentidos, pero de ninguna manera desigualdades y jerarquías, toda la experiencia pedagógica deja de ser una forma de ‘transmisión de’, sino que pasa a ser “ una construcción entre”. (BRANDÃO, 2020, p. 24)

Se a lógica do mercado assume a produção literária que tem sido amplamente consumida por adolescentes, constituindo-se como problema social, é a partir do diálogo com esses sujeitos, leitores e leitoras das classes populares, que se torna possível refletir sobre essas práticas de leitura visibilizando as diferenças produzidas no cotidiano. Portanto, não se trata de assumir uma adesão ao imperativo capitalista, mas de assumir uma perspectiva anticapitalista compreendendo que, através da leitura, diferentes saberes e sentidos são produzidos por diferentes sujeitos.

Abordar o problema apresentado, a partir da educação popular, permite compreender que um imperativo não pode ser enfrentado a partir de outro imperativo, mas que as distâncias produzidas pelas diferenças podem constituir, no diálogo, “un campo abierto para la construcción de teorías, imaginarios, ideologías y propuestas de acción transformadora y emancipadora” (Idem, p.24), propostas estas que compreendem a leitura sem prescindir da liberdade do amor e do sonho para ler e (re)escrever o mundo.

**Palavras-chave:** Educação Popular, Leitura, Literatura de massa.

## Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pregunta a los doctores, si no te basta el viento. In: MEJÍA, Marco Raúl. Educación popular: Raíces y Travesías: de Simón Rodríguez a Paulo Freire. Bogotá: Ediciones Aurora, 2020.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 5º ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 66º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GARCIA, Regina Leite (org.). Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PENNAC, Daniel. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SODRÉ, Muniz. Best-seller: a literatura de mercado. São Paulo: Ática, 1985.